

Relações de dependência econômica e cultural configuradas em *Budapeste* de Chico Buarque

Prof. Flávia Helenaⁱ
(FAAT)

Resumo:

Buscando responder ao questionamento sobre o modo como a literatura brasileira contemporânea contribui para a reflexão a respeito do país, este texto pretende tecer algumas considerações sobre a obra *Budapeste*, de Chico Buarque, publicada no ano de 2003. Por meio das escolhas lexicais feitas pelo autor, pretende-se demonstrar de que maneira a obra capta em sua estrutura o fenômeno da globalização e as relações de dependência, culturais e econômicas, mantidas pelo Brasil no cenário internacional.

Palavras-chave: Chico Buarque, dependência, globalização

Narrado em primeira pessoa, e a partir de um foco não confiável – unreliable narrator, na acepção de Wayne Booth (1983, p. 158) – *Budapeste* relata, de forma não linear, a trajetória do *ghost-writer* José Costa, desde os tempos de faculdade, quando vendia sob encomenda monografias e trabalhos acadêmicos, no Rio de Janeiro, até o seu estabelecimento definitivo na cidade de Budapeste, capital da Hungria, depois de ser-lhe atribuída a autoria de *Budapest*, livro que afirma não ter escrito e que relata grande parte de sua vida. A partir dos deslocamentos do protagonista entre essas duas cidades, o relato aborda o motivo do duplo, uma vez que o protagonista não somente se desloca entre os dois locais mencionados, mas estabelece vínculos duradouros em cada um deles.

Além de experimentar uma vivência dupla que se alterna entre Rio de Janeiro e Budapeste, o protagonista revela-se um indivíduo que realiza diversas viagens pelo mundo, circulando pelos mais diversos países e contribuindo, portanto, para que se afigure na obra a questão da globalização. Essa hipótese se reforça se considerados a variedade de palavras de diferentes idiomas que se misturam

ⁱ **Autor**

Flávia HELENA (Profª. Ms)
Faculdades Atibaia (FAAT)

ao português no decorrer do relato e o modo como o romance apresenta episódios que retratam a maneira como as culturas de diferentes países se mesclam.

Essas constatações podem ser mais bem explicadas e fundamentadas se observados os termos estrangeiros que se espalham pelo texto. O uso exaustivo de expressões peregrinas sem o uso de aspas ou outro expediente que as diferencie da língua em que se expressa o narrador, no caso, o português do Brasil, aponta para o uso desses termos não como algo estranho ao mencionado idioma, mas como algo já incorporado a esse sistema. Assim, ao longo da narrativa encontram-se expressões como *walkie-talkie* (pequeno aparelho de rádio emissor e receptor, que uma pessoa pode usar para se comunicar a uma distância relativamente curta); *jet lag* (alteração do ritmo biológico de 24 horas consecutivas, que ocorre após mudanças do fuso horário em longas viagens de avião, caracterizada por problemas físicos e psíquicos, esp. do ciclo do sono); *jet set* (a comunidade internacional das pessoas de posses, habituadas a frequentar lugares exclusivos); *best-seller* (livro que é sucesso de vendas) entre uma série de outros exemplos que não apresentam um equivalente preciso em português e que, por essa razão, parecem suprir alguma deficiência ou lacuna linguística.

Acompanhando essas expressões aparecem também outras cujos equivalentes em português existem, porém dá-se preferência ao termo peregrino, tais como *lobby* (salão); *office boy* (contínuo); *t-shirt* (camiseta); *hall* (saguão); *do not disturb* (não incomode). Este uso do idioma estrangeiro, tanto no primeiro caso, quanto no segundo, como bem observou Maria Augusta Fonseca, parece ser:

[...] quase sempre um gesto apelativo de prestígio, como um desejo provinciano de se parecer com o estrangeiro, embora não com qualquer estrangeiro, apenas aquele que detem poderes econômicos sobre nós, o que também muda a feição do apelo e da outra face que almeja. (FONSECA)¹

O uso exaustivo do idioma inglês remete, portanto, à inegável influência cultural e econômica norte-americana nos mais variados ramos da sociedade brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos. Dessa maneira, diante do papel representado pelas novas tecnologias, nesse período de intensa globalização, em que Estados Unidos se apresenta como potência hegemônica² e considerando que o romance dá indícios de que nele se configura uma sociedade marcada pela modernização tecnológica – a presença de telefones celulares e outros dispositivos eletrônicos citados no texto é um dos indicativos disso – é pertinente aceitar que o fato de vocábulos

¹ Essa citação foi retirada de “*Budapeste* de Chico Buarque: poética e miséria da literatura”, de autoria de Maria Augusta Fonseca, com autorização da autora, a partir do exemplar avulso contendo o texto original em português, ainda inédito. O texto conta com publicação em francês cujas referências encontram-se ao final deste trabalho.

² Nesse sentido Hobsbawm argumenta que “o colapso da União Soviética deixou os Estados Unidos na condição efetiva de única superpotência, que nenhum outro poder podia, ou sequer queria desafiar.” Embora o país venha enfrentando

de língua inglesa se alastrarem pelo relato está relacionado ao modo como o Brasil se inscreve no atual contexto globalizado, ou seja, a dependência linguística indiscriminada manifesta-se como configuração da própria dependência econômica e cultural que marca a posição do país no cenário internacional.

Em meio a tantas palavras estrangeiras que permeiam o relato do protagonista talvez a mais significativa seja *asshole*. Ao empregar o termo para se referir ao um bar “com decoração de pub inglês”(BUARQUE, 2004, p. 48), Chico Buarque faz uso de um expediente cômico, utilizando o termo em inglês, referente ao baixo corporal. Nesse sentido, são pertinentes as colocações de Bakhtin, que ao analisar a obra de Rabelais, discorreu sobre o tema:

A orientação para baixo é própria de todas as formas da alegria popular e do realismo grotesco. Em baixo, do avesso, de trás para a frente: tal é o movimento que marca todas essas formas. Elas se precipitam todas para baixo, viram-se e colocam-se sobre a cabeça, pondo o alto no lugar do baixo, o traseiro no da frente, tanto no plano do espaço real como no da metáfora. (BAKHTIN, 1999, p. 325)

Ao nomear o bar utilizando uma palavra de baixo calão em idioma diverso daquele em que está escrita a obra, Chico Buarque parece zombar do uso de expressões peregrinas como um apelo de prestígio. Ao que tudo indica, o dono do mencionado bar não tinha conhecimento do real significado do vocábulo e a escolheu somente em virtude de sua sonoridade. Assim, nota-se no texto aquilo que Vladimir Propp denominou instrumento linguístico da comicidade uma vez que muitos que lêem a palavra e “que não entendem seu sentido reparam apenas no som”(PROPP, 1992, p. 129) o que a torna ridícula. A palavra em discussão trata-se de um vocábulo proveniente do inglês, idioma que goza de grande prestígio social resultante do poder econômico exercido pelos principais países falantes dessa língua, que são Inglaterra e Estados Unidos. Seu uso, portanto, remete ao provincianismo característico daquele que faz uso do termo estrangeiro oriundo do contexto economicamente dominante – ainda que desconhecendo seu significado - como símbolo de *status*.

Além da comicidade que aparece nessa passagem, a ironia que impregna a fala do narrador também se mostra presente. Ao declarar “Bar de nome inglês, com decoração de pub inglês, caixas de som tocando rock and roll inglês, logo imaginei que o The Asshole fosse frequentado exclusivamente por húngaros.”(BUARQUE, 2004, p. 48), o narrador, que era um homem dado ao conhecimento de variados idiomas e de diversas culturas, quebra a sequência uniforme da origem dos elementos que elenca e, portanto, rompe com a expectativa que cria. Assim, o mencionado *pub*, lugar de encontro de pessoas, para beberem, que é tão próprio dos ingleses, ao contrário do que se

faz supor, não é, no caso retratado no romance frequentado por britânicos, mas sim por húngaros, o que se torna mais um indício da globalização, representada aqui pela inserção de influências culturais estrangeiras nos domínios magiares.

Nesse âmbito, é pertinente observar outros modos por meio dos quais a obra figura a globalização nos campos econômico e cultural e traz algumas pistas em relação à “[...] dominação da cultura mundial pela cultura americana e pela língua inglesa[...]” (HOBSBAWN, 2008, p. 158). Isso porque, embora se esteja tratando das relações de dependência que o Brasil, como país periférico mantém com o centro global, é pertinente observar também de que maneira alguns expedientes utilizados em *Budapeste* retratam o modo como a globalização atinge um país como a Hungria, localizado ao norte da Europa.

Inicialmente, deve-se atentar para a incursão de vocábulos peregrinos no idioma magiar, segundo o narrador “[...] única língua do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita.” (BUARQUE, 2004, p. 6). Logo na primeira vez que passa por Budapeste, na tentativa de desvendar a língua que para ele era tão instigante, o *ghost-writer* percebe um termo alemão em meio às palavras húngaras: “Vinha eu escutando aqueles sons amalgamados, quando de repente detectei a palavra clandestina, Lufthansa. Sim, Lufthansa, com certeza o locutor a deixara escapar, a palavra alemã infiltrada na parede de palavras húngaras [...]” (BUARQUE, 2004, p. 8). É relevante notar que nessa passagem mostra-se não somente a inserção de um termo alemão em meio às palavras húngaras, mas, mais do que isso, um vocábulo que indica o nome de uma companhia aérea de origem germânica, portanto, estrangeira em território magiar. Isso é um forte indicativo de que a inclusão de elementos estrangeiros neste país não se dá somente no campo da cultura – representada pelo idioma –, mas também em âmbito econômico, uma vez que a palavra Lufthansa se trata da denominação de uma empresa. Essa ocorrência, que pode ser tomada como um sinal da globalização cultural e econômica, se reforça se consideradas outras passagens do romance. Assim, algum tempo depois de chegar a Budapeste pela segunda vez, o narrador descreve um momento de seu passeio da seguinte maneira: “[...] passei pela Kodak, pela Benetton, pela C&A, cortei caminho por uma galeria, virei à esquerda, Lufthansa, American Airlines, Alitalia, a agência da Air France estava fechada.” (BUARQUE, 2004, p. 64) A menção que o protagonista faz a empresas originárias dos mais diversos países (respectivamente Estados Unidos, Itália, Países Baixos, Alemanha, Estados Unidos, Itália e França) em terras húngaras reforça as evidências de que a globalização é um fenômeno presente também nesse país. No domínio da cultura, isso se reforça pelo apontamento que Kriska faz em relação à programação de rádio e televisão em Budapeste: “[...] e ainda renunciei a rádio e televisão, cuja programação local, segundo Kriska, estava infestada de termos estrangeiros.” (BUARQUE, 2004, p. 64)

No que se refere aos termos estrangeiros presentes em *Budapeste* há ainda um ponto a ser considerado. É relevante notar que aqueles que provêm do idioma inglês não são os únicos que se mesclam ao português da maneira descrita acima, ou seja, sem uso de aspas ou outro expediente que os destaquem. Além destes, “misturam-se, no texto, registros de outros tempos, de outras influências culturais”(FONSECA)³, principalmente aqueles de origem francesa. Assim, palavras e expressões aplicadas em construções como balcão *art nouveau*, *concièrge*, *tête-à-tête*, *delicatessen*, *réveillon* em Lisboa, comuns no relato, tornam-se sinalizadores de que os vínculos de dependência, submissão e inferioridade que o romance busca configurar não se apresentam somente no contexto da modernização, mas datam de outros tempos e de outra potência, no caso a França, com a qual também se estabeleceu relações de dependência. No âmbito do diálogo entre realidade externa e realidade interna que a obra permite, isso, que também é passível de ser denominado “aristocracismo alienador”(CANDIDO, 2006, p. 179), pode ser tomado como um sinal de que as relações de dependência mantidas pelo Brasil não são um fenômeno novo, próprio do contexto contemporâneo, mas tratam-se de algo já impregnado na cultura do país, uma vez que se arrastam e se manifestam por meio de vertentes diversas desde o início de sua colonização.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 4ª ed. São Paulo – Brasília: Hucitec, 1999.
- BOOTH, Wayne. *The rhetoric of fiction*. 2nd ed. Chicago & London: University of Chicago Press, 1983.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CORREIA, Luis Adonis Valente. A síndrome na linguagem setorial. *Língua portuguesa*. São Paulo, n. 8, p. 43, 2006.
- FONSECA, Maria Augusta. *Budapeste* de Chico Buarque: poétique et misère de la littérature. Tradução de Alain Mouzat. In: OLIVIERI-GODET, Rita; HOSSNE, Andrea. (Orgs.). *La littérature brésilienne contemporaine – de 1970 à nos jours*. Rennes: PUR, 2007.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- _____. O império se expande cada vez mais. In: _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução de José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JAMESON, Fredric. Globalização e estratégia política. In: _____. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Tradução de Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

³ A citação faz parte do texto anteriormente mencionado, “*Budapeste* de Chico Buarque: poética e miséria da literatura” de autoria de Maria Augusta Fonseca.

MASSI, Augusto. Resenha sem título, sobre estorvo de Chico Buarque. *Novos estudos CEBRAP*, n. 31, out. 1991, p. 193-198.

PASTA, José Antonio. Volubilidade e ideia fixa: o outro no romance brasileiro. *Revista Sinal de Menos*, n. 4, p. 13-25, 2010. Disponível em: <www.sinaldemenos.org>. Acesso em: 26 jul. 2010.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Áurea Maria Corsi et al. São Paulo: Ática, 1992.

RÓNAI, Paulo. Como aprendi o Português. In: _____. *Como aprendi o Português e outras aventuras*. São Paulo: Globo, 1975.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/contexto*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*. 5ª ed. São Paulo: Duas cidades, 2000.

_____. Nacional por subtração. In: _____. *Que horas são?* 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SILVA, Marcos. Rir do corpo: paródia e riso num poema de Rimbaud e Verlaine. *ArtCultura*, Uberlândia, p. 145-161, jul.-dez. 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/H&R_Silva.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2010.